

# TEORIA EDUCACIONAL E SEMIÓTICA NA COMPREENSÃO DE IMAGENS: ANÁLISE DA ANIMAÇÃO “UM PLANO PARA SALVAR O PLANETA”

Thiago Reginaldo – EGC/UFSC<sup>1</sup>  
Maria José Baldessar – JOR/UFSC<sup>2</sup>

## RESUMO

A educação pelas mídias e sua diversidade de representações tem feito parte do cotidiano de diversos sujeitos. Para que sua compreensão aconteça no nível imagético mais profundo utiliza-se a semiótica. Este artigo analisou do ponto de vista da semiótica francesa e das abordagens educativas as possíveis representações do texto considerado verbal e não verbal. Como corpus, foi selecionado o vídeo animado da Turma da Mônica “Um plano para salvar o planeta” de Maurício de Souza. Para tanto foram discutidos os três níveis do percurso gerativo de sentido na animação e as representações dos planos de conteúdo e expressão. Posteriormente foi alinhada a discussão semiótica com a abordagem de ensino-aprendizagem sócia histórica por representar o tema educação ambiental e as relações de protagonismo dos personagens.

**PALAVRAS-CHAVE:** Semiótica Francesa, Percurso gerativo de sentido, Abordagem de ensino-aprendizagem.

## 1. INTRODUÇÃO

Novas formas de comunicação e educação são possíveis com as diferentes mídias na atualidade. Seja em casa, na rua ou na instituição educativa os sujeitos tem tido contato com representações digitais e audiovisuais de conteúdos educativos. Os membros da geração mais jovem estão se transformando em leitores de imagens e criando uma nova linguagem de comunicação visual (FRUTIGER, 2007). Através dessas imagens mediáticas, como define Joly (1994), são propagadas informações que representam a diversidade das

---

<sup>1</sup> Graduado em Educação Física (UDESC), Design (UFSC) e Tecnologia da Informação (IFSC). Estudante do mestrado da área de Mídia e Educação do programa de Pós-graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento (PPG/EGC – UFSC).

<sup>2</sup> Graduada em Comunicação Social - Jornalismo (USFC), mestra em Sociologia Política (UFSC) e doutora em Ciências da Comunicação (USP). Professora adjunta da Universidade Federal de Santa Catarina nos Programa de Pós-Graduação em Design e Expressão Gráfica e do de Engenharia e Gestão do Conhecimento e nos cursos de graduação em Jornalismo e Design.

imagens contemporâneas em vídeos, fotografias, pinturas, desenhos, entre outros. Essas imagens podem ser compreendidas pela semiótica francesa como textos. O texto é qualquer manifestação verbal ou não verbal organizado em torno de um sentido, como por exemplo, um conto, uma poesia, uma crônica, uma história em quadrinhos, uma fotografia, um desenho animado, entre outros, enfim, um objeto que sustente uma significação (FARIAS, 2003).

A análise dessas imagens permite compreender como acontecem as representações dos conteúdos curriculares educativos e a geração dos seus significados no contexto cultural. Desta forma é possível que educadores, estudantes e comunidade envolvida possam analisar do modo mais crítico os diferentes textos. No entanto, se faz necessário que esses participantes, principalmente os educadores, sejam capazes de conciliar suas teorias educacionais com as teorias de comunicação social. Esta visão possibilita o pensamento mais sistêmico na compreensão de um texto a ser utilizado na prática pedagógica.

Com o objetivo de colocar em prática a construção de uma análise de texto este artigo tem o objetivo de analisar um desenho animado sob o ponto de vista de uma abordagem de ensino-aprendizagem e do método da semiótica francesa. Foi escolhido o desenho da Turma da Mônica intitulado “Um plano para salvar o planeta”. Com essa análise será possível observar a correlação entre teoria educacional e teoria semiótica. Assim, poderá se corroborar para a compreensão do significado das imagens no uso das mídias na educação.

## **2. A SEMIÓTICA E O PERCURSO GERATIVO DE SENTIDO**

O estudo das imagens apresenta várias teorias de caráter específico. Joly (1994) afirma que para compreender por uma teoria geral e globalizante, que permita ultrapassar a teoria funcional da imagem, existe a teoria semiótica. Recorre-se a esta teoria que trabalha no nível da significação e ultrapassa o ponto da emoção e do prazer estético:

Ainda que as coisas nem sempre tenham sido formuladas deste modo, podemos dizer, agora, que abordar ou estudar certos fenômenos sob o seu aspecto semiótico é considerar o seu modo de produção de sentido, por outras palavras, a maneira como eles suscitam significados, ou seja, interpretações. Efetivamente, um signo é um signo apenas quando exprime ideias e suscita no espírito daquele ou daqueles que o recebem uma atitude interpretativa. (JOLY, 1994, p.30)

Para chegar à categoria de signos<sup>3</sup> os sinais<sup>4</sup> precisam estar dotados de significados<sup>5</sup>. Em casos particulares para poder chegar à classe de símbolo<sup>6</sup> dependem da qualidade funcional e estética ou à amplidão de seu significante<sup>7</sup>. (GOMES, 1998)

Os precursores que idealizaram a ciência dos signos, batizada como semiologia ou semiótica, foram o linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913) na Europa e o cientista Charles Sanders Peirce (1839-1914), nos Estados Unidos (JOLY, 1994). Segundo Joly (1994, p.34) foi preciso de 'quase um século para que os investigadores se libertassem dessa profecia e daquilo a que se chamou a supremacia do modelo linguístico para a análise de outros sistemas de signos'. O modelo francês de Saussure chamado de linguística estrutural serviu para a semiótica de Greimas e seus sucessores. A linha francesa de Greimas foi uma disciplina coesa e complexa capaz de examinar a produção do sentido de qualquer tipo de texto fossem verbais, não verbais ou sincréticos (MENDES, 2011). A partir de então, elaborou-se um modelo de previsibilidade que pretendia demonstrar a constituição do sentido dividido em uma sequência de níveis – o percurso gerativo de sentido (FARIAS, 2003). Estes níveis, segundo Farias (2003), podem ir do mais simples ao complexo e são classificados como:

- Estruturas fundamentais – o mais simples e abstrato, nele surge a significação como uma oposição semântica mínima (relação semântica geradora de sentido);
- Estruturas narrativas – organizam-se as relações entre sujeitos e objetos ainda não nomeados de forma particularizada;
- Estruturas discursivas – a narrativa é assumida por um sujeito responsável pela enunciação (nesse nível são utilizadas estratégias que tornam o sentido apreensível, atribuindo-se características aos atores e aos objetos, por exemplo).

A partir do percurso gerativo de sentido é possível verificar o plano de conteúdo (onde reside o conceito) e o da expressão (onde reside a materialidade). O plano da expressão apresentasse bastante flexível devido aos seus diferentes planos para um mesmo conteúdo e foi aonde a ênfase semiótica recaiu devido a sua estabilidade facilitadora de uma análise mais positiva do texto.

---

<sup>3</sup> Significa marca. Qualquer sinal com significado que possibilita representações mentais, e como consequência, permite relacionar a algo que se conhece. (GOMES, 1998)

<sup>4</sup> Qualquer manifestação natural ou artificial que formam um indício, advertência, intenção, previsão de algo que se forma (Idem).

<sup>5</sup> Aquilo que um sinal adquire devido a frequência de sua ocorrência, acordo ou convenção e que passa a constituir objetos concretos e abstratos do pensamento humano (Idem).

<sup>6</sup> Signo ou sistema de signos que possui forte significante e representa algo a mais daquilo que significa (Idem).

<sup>7</sup> É a coisa ou manifestação que significa (Idem).

### 3. ABORDAGENS E TEORIAS EDUCACIONAIS

Na área educacional existem diferentes abordagens e teorias que orientam o trabalho do educador. Serão apresentadas algumas abordagens neste capítulo e alguns teóricos da educação e psicologia que relacionam suas teorias com estas abordagens. Mizukami (1986) apresenta cinco abordagens principais no ensino brasileiro: tradicional, comportamentalista, humanista, cognitivista e sociocultural. Cada abordagem, segundo a autora, fornece diretrizes à ação docente e cada educador se apropria delas de forma individual. A seguir serão apresentadas as abordagens e seus autores segundo Mizukami (1986):

- Abordagem tradicional: dá ênfase aos modelos e ao educador como elementos imprescindíveis na transmissão de conteúdos. O estudante precisa ser constantemente atualizado, pois, não é um adulto acabado. O conhecimento é transmitido e acumulado através das informações dos educadores e da instituição educativa;
- Abordagem comportamentalista: o primado é o objeto. O que é descoberto se apresenta na realidade exterior e o indivíduo tem o conhecimento das contingências do meio como cópia do mundo externo. O estudante experimenta e o educador é o engenheiro comportamental. A educação está ligada à transmissão de cultura e conhecimento. Um dos principais representantes é Burrhus Skinner;
- Abordagem humanista: o ensino é centrado no estudante com ênfase nas relações interpessoais e ao crescimento que delas resulta. A educação tem sentido amplo para a formação do homem e não se restringe apenas à escola. O conhecimento é atribuído ao sujeito durante a experiência da sua curiosidade natural. Os principais autores são Carl Rogers e Alexander Neill;
- Abordagem cognitivista: dá ênfase aos processos cognitivos e à investigação científica. Chamada de interacionista (relação entre sujeito e objeto) apresenta como principais representantes Jean Piaget e Jerome Bruner.
- Abordagem sociocultural: o homem é um sujeito da educação inserido em um contexto sócio-econômico-cultural-político, ou seja, num contexto histórico. O conhecimento na educação é adquirido à medida que o sujeito se constrói integrado em seu contexto e reflete sobre ele e com ele se compromete, tomando consciência de sua historicidade. O principal autor é o educador Paulo Freire.

Esta última abordagem chamada de sociocultural pode ser compreendida pela psicologia sócio-histórica de Vygotsky. Nela a psicologia procurou superar as tradições

positivistas e estudou o homem e seu mundo psíquico como uma construção histórica e social da humanidade (BOCK et al., 1999). De acordo com Bock et al. (1999) através da mediação das relações sociais e da linguagem o homem se torna homem, desenvolve suas possibilidades e significa seu mundo.

Outro teórico da educação que trabalha também em uma perspectiva sociocultural é José Manuel Moran que está sendo reconhecido por propor os conceitos de uma educação inovadora com a utilização de mídias e das TIC (Tecnologias da Informação e Comunicação). Segundo Moran (2007), uma educação inovadora se ampara em um conjunto de propostas com alguns grandes eixos que lhe servem de guia e de base. Os eixos principais necessários a uma educação inovadora são apresentados pelo autor: o conhecimento integrador e inovador, o desenvolvimento da autoestima/autoconhecimento, a formação do estudante-empresendedor e a construção do estudante-cidadão. Para ele o estudante aprende mais com a imersão em atividades sociais e culturais com grupos do que está diferentemente habituado.

Na educação brasileira a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9.394/96) traz a perspectiva sócio histórica como modelo a ser utilizado pelos educadores. Não obstante, cada educador deve estar ciente das possibilidades e individualidades de cada abordagem pedagógica e seus benefícios em diferentes contextos educacionais.

#### **4. “UM PLANO PARA SALVAR O PLANETA” COMO POSSIBILIDADE DE MÍDIA PARA A EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

A escolha da animação ‘Um plano para salvar o planeta’ aconteceu devido à popularidade de seus personagens e sua veiculação nacional, ademais, pelo conteúdo da animação com a mensagem de educação ambiental bem estruturada em torno de uma linguagem voltada para o público infantil. Um plano para salvar o planeta é um texto produzido para o teatro e televisão. Este artigo analisou a animação produzida para televisão que foi veiculada por uma emissora da rede aberta para todo o território nacional, além de ser veiculada também na *web*. O vídeo animado de 2011 da Turma da Mônica apresenta aproximadamente 30 minutos de duração. O vídeo foi analisado a partir de seus textos verbais e não verbais com o objetivo de estabelecer a relação entre as teorias educacionais e a teoria semiótica francesa. Nas teorias educacionais foi considerado o aspecto da educação ambiental por ser um vídeo sobre preservação do meio ambiente. Nela Mônica, Cebolinha, Magali, Cascão e o resto da sua turma vão até o laboratório do Franjinha e causam uma grande confusão. Franjinha estava testando uma fórmula que era capaz de deixar tudo limpo e perfumado, mas acaba por derrubar a fórmula em cima do Cascão. Enquanto eles limpam o laboratório descobrem que a fórmula poderá deixar o mundo mais limpo, mas primeiro devem começar a limpar o bairro onde moram. No trajeto pelo bairro eles encontram com

Dorinha que apresenta os principais problemas no meio ambiente: a poluição do ar e óleo de cozinha, o mal descarte de lixo, o desmatamento, as queimadas, a devastação de áreas para construção de represas, as enchentes e as construções em áreas de risco. Como a fórmula feita por Franjinha apresenta o problema de concertar o problema por poucos instantes a turma precisa de outra solução para o problema (figura 1). São apresentados como solução dos problemas os três R's para o desenvolvimento sustentável ambiental: Reduzir, Reciclar e Reutilizar.



Figura 1 – Imagem da turma reunida em busca as solução do problema.

#### **4.1 O TEXTO DA ANIMAÇÃO E O PERCURSO GERADOR DE SENTIDO**

O criador dos personagens da Turma da Mônica é Maurício de Souza e seus personagens começaram a ser idealizados por volta da década de 60. Primeiro eram feitos quadrinhos publicados em jornais e posteriormente, a partir da década de 80, foram feitos seus primeiros trabalhos para a televisão. A Turma da Mônica apresenta em sua linguagem mensagens com afeto, alegria e descontração dirigidas às crianças e aos adultos.<sup>8</sup>

As características dos personagens da animação são as mesmas identificadas nas histórias em quadrinhos o que causa uma sensação de correlação animação-gibi. As mensagens dos personagens e suas reflexões são transformadas em ação durante a história com lições de cidadania e responsabilidade ambiental. A solução é posta em prática de modo colaborativo pela ação e reflexão de todos.

No percurso gerador de sentido observou-se no nível fundamental da animação que as categorias semânticas conferem os diferentes conteúdos do texto. Com base

<sup>8</sup> Maurício de Souza - Histórico. Disponível em: <<http://www.monica.com.br/cgi-bin/load.cgi?file=news/welcome.htm&pagina=.../mural/pelezinho.htm>> Acesso em: 09 jul. 2013.



nisso, as categorias semânticas do texto estão na contrariedade: degradação ambiental X preservação ambiental (figura 2), a degradação ambiental implica em não preservação ambiental.



Figura 2 – Degradação ambiental X ambiente limpo.

Na passagem do nível fundamental para o narrativo 'há dois tipos de objetos buscados pelos sujeitos: os objetos modais (o querer, o dever, o poder e o saber) e os objetos de valor. Os primeiros são os objetos necessários para a obtenção dos segundos, que são o objetivo último da ação narrativa' (FIORIN, 1999, p. 5). O objeto modal em um primeiro momento é a fórmula (poção) capaz de deixar as coisas mais limpas e cheirosas, mas no decorrer da história percebe-se que a própria ação dos personagens durante a execução dos três R's é a solução para o problema. O objeto de valor na animação é o ambiente limpo e a sua preservação. No nível narrativo observa-se a transformação de uma situação de instabilidade ambiental para a situação de estabilidade ambiental. Os personagens são realizadores.

O nível discursivo perpassa pelas narrativas abstratas (compostos de temas) e concretas (compostos de figuras) (FIORIN, 1999). No vídeo animado as narrativas abstratas estão em torno do conceito de educação ambiental e são as situações aonde os problemas são apresentados pelos quadros compostos por outro nível de expressão que é uma representação simbólica do problema. A partir dessa problematização são apresentadas soluções reais e as mesmas são aplicadas no seu bairro com a volta de um lugar melhor para viver, assim, em nível concreto (figura 3).



Figura 3 - Representação em nível abstrato e concreto.

No nível da expressão observa-se que na parte da animação em que aparecem os problemas ambientais, como no primeiro quadro da figura 3, as cores estão com menos brilho e saturação e os elementos da animação são formados por linhas simples e rebuscados. Isso representa no nível fundamental a dicotomia entre essa representação do ambiente degradado e o ambiente natural preservado com brilho e saturação de cor (figura 4). Na animação os momentos que são imaginados, como o primeiro quadro da figura 3, apresentam um balão branco esfumado na borda externa da imagem.



Figura 4 - Ambiente natural da cidade com Cascão e seu carrinho feito de material reciclado.

Os cenários geralmente apresentam maior brilho e menos saturação em contrapartida com os personagens que tem matizes saturados (figura 4). O uso de cores saturadas (matizes puras) é utilizado quando atrair a atenção for uma das prioridades, além de serem cores excitantes e mais dinâmicas (LIDWELL *et al.*, 2003).

O cenário principal é uma área verde que remete a uma praça aonde todos se encontram e discutem na história (figura 5). O laboratório do Franjinha é o lugar aonde saem as soluções para os problemas e no seu computador a partir de uma pesquisa colaborativa é encontrada a solução dos três R's: reduzir, reciclar e reutilizar (figura 1). Neste cenário há a representação de um laboratório remetendo a representação da pesquisa científica com a presença de antenas, painel solar, luneta, holofotes, câmeras na área externa e computadores, televisão, livros, garrafas, baterias e algumas geringonças na parte interna. Há também o cenário do ribeirão aonde ocorre a problematização da degradação ambiental feita por Chico Bento (figura 2). A partir de cenário da área rural de Chico Bento e da cidade do resto da turminha pode-se chegar a uma solução para o planeta. Outra característica do cenário são seus detalhes, sombras e os efeitos de profundidade em relação aos personagens que são bastante simplificados.



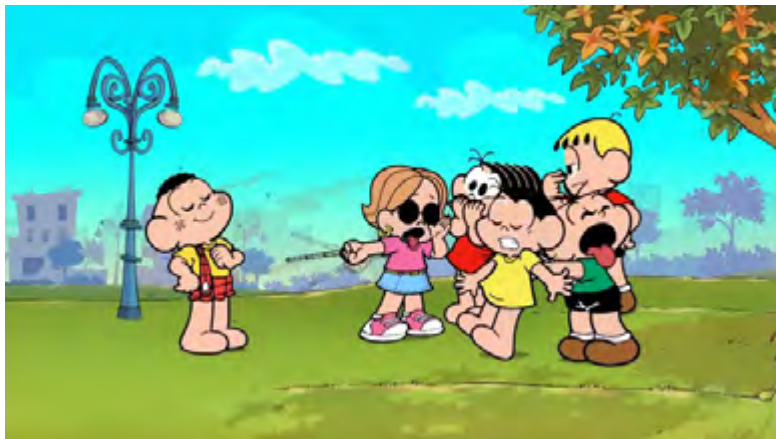


Figura 5 - Praça de encontro da turma aonde acontece as principais discussões da história.

Em relação aos planos são utilizadas cores quentes em um primeiro plano e cores frias em um segundo plano. No enquadramento foi utilizado o plano geral para mostrar toda a paisagem, o plano conjunto para mostrar um conjunto de personagens da turma (figura 5, figura 1) e o plano americano com o personagem enquadrado até a cintura.

A cena é composta em superfície aonde os elementos da animação de movem de um lado para o outro ou de cima para baixo dando um efeito bidimensional a animação. O resultado do compor em superfície é muito teatral e tanto objetos quando personagens entram e saem lateralmente em relação ao ponto de vista do espectador, além disso, geralmente esta composição é usada em séries de televisão para a audiência pré-escolar (CÂMARA, 2005). Esta composição de cena reforça o efeito de quadrinhos da animação e a compreensão perante seu público alvo. O plano conforme o enquadramento está na linha do horizonte o que 'transmite tranquilidade e naturalidade ao espectador' (CÂMARA, 2005, p. 42).

Além das estruturas visuais anteriormente citadas existem também os elementos sonoros. Na animação cada personagem apresenta uma voz e um jeito de falar específico que irão colaborar para a construção das características que já eram enunciadas nas caixas de texto dos quadrinhos. O fato do Cebolinha trocar o "R" por "L", o Chico Bento com sotaque interiorano para representar a área rural, entre outros. Em alguns trechos da animação os personagens cantam músicas para enfatizar o que é considerado mais importante pelos roteiristas de um modo atrativo para as crianças.

#### 4.2 ABORDAGEM EDUCATIVA E O PERCURSO GERADOR DE SENTIDO

Depois de apresentar as principais características do texto animado agora serão feitas as correlações no que tange a abordagem educativa. A abordagem escolhida foi a sócio histórica e será justificada de acordo com o sentido gerador de sentido apresentado

no capítulo anterior.

Para Vygotsky (1982), todo saber deve estar ancorado na experiência. Nesta perspectiva, a ênfase está no social, destacando-se o ensino como processo social, e que a formação do humano se dá numa relação dialética entre sujeito e sociedade. Isso ocorre em um movimento contínuo, constante e integrado, ou seja, ao mesmo tempo em que o humano modifica o ambiente, o ambiente modifica o humano. Isso pode ser verificado durante a animação aonde a palavra 'nós' e as ações conjuntas são utilizadas para poder experimentar e mudar a realidade da situação - as cenas de plano conjunto reforçam esta teoria. O ensino-aprendizagem baseado na concepção de colaboração, se enquadra em uma interação social, em que não apenas o compartilhamento do conhecimento se configura como uma característica principal, mas também o envolvimento de todos na construção e manutenção do conhecimento.

Um grande ponto de interesse nesta perspectiva é a interação que cada pessoa estabelece com determinado ambiente, a chamada experiência pessoalmente significativa. Para Vygotsky (1982) toda relação do indivíduo com o mundo é feita por meio de instrumentos técnicos e da linguagem, e todo aprendizado é necessariamente mediado. "Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo" (Freire, 1988, p. 69). Parafraseando com Bakhtin (1986), a linguagem é a principal agente na forma de se comunicar com os demais. Para Freire (1985, p.47) 'a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados'. Na animação a comunicação dialógica leva ao fato de educar em prol do ambiente. A rica discussão durante toda a narrativa leva a compreender a causa dos problemas para então poder se chegar à solução. O cuidado com o ambiente na animação envolve primeiramente o ambiente local da cidade e área rural para depois modificar o mundo. Percebesse então com o conjunto da estrutura narrativa e do texto que o tema abordado na animação está sob a perspectiva da educação ambiental.

A educação ambiental é um tema transversal do currículo escolar e se pauta na lei 9.795 foi criada em 1999 com o intuito de que o sujeito e o coletivo possam construir valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conversão do meio ambiente. Os princípios básicos da educação ambiental (Lei no. 9.795, art. 4o) identificado na animação e que vão ao encontro da abordagem sócio histórica são: o enfoque humanista, holístico, democrático e participativo; entendimento do meio ambiente em sua totalidade (meio natural, socioeconômico e cultural) sob enfoque da sustentabilidade; desenvolver a ética, educação, trabalho e práticas sociais; abordagem que articule as questões locais, regionais, nacionais e globais; e o respeito à diversidade.

Elaborar mensagens para as questões relativas à educação ambiental é um problema na educação 'em vez de serem simples e sem ambiguidades - portanto fáceis de

comunicar – as questões do meio ambiente e do desenvolvimento tendem a ser complexas’ (UNESCO, 1999, p.41). ‘O plano para salvar o planeta’ conseguiu propor dentro da vertente ambiental um exemplo de animação educacional comunicativa para o público infantil. Assim, transpôs as dificuldades apresentadas por este tema nos processos comunicativos. A linguagem foi acessível pelo plano expressivo e de conteúdo com um diálogo preocupado com a compreensão da mensagem pelas crianças. Procurou sensibilizar através de seu significado a reflexão sobre a participação delas no processo de modificação do meio ambiente. Deste modo, como cita José Manuel Moran, pode ser considerado um modelo inovador com o desenvolvimento do conhecimento e a colaboração para construção do estudante empreendedor, cidadão e protagonista da sua realidade social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi estabelecer uma correlação entre as teorias educativas e a teoria da semiótica francesa no processo de compreensão de imagens. Com a análise da animação foi possível entrelaçar os conceitos apresentados pelo percurso gerativo de sentido no plano do conteúdo/expressivo e a abordagem sócio histórica de Vygotsky e Freire.

Com a discussão acerca do processo de construção da imagem em mídias educativas foi possível verificar qual abordagem educativa se enquadrou melhor na dissecação das estruturas de texto. A análise semiótica serviu como análise inicial para o entendimento dos elementos do texto sob um ponto de vista mais isolado, complexo e profundo. Na análise pedagógica foi possível perceber a presença desses elementos na estrutura narrativa para a construção de um significado educacional. O bom arranjo dos elementos geradores de sentido possibilita que a abordagem pedagógica seja trabalhada com mais profundidade e a melhor comunicação do conteúdo informacional educativo.

O espectador da animação, principalmente o público infantil, teve a possibilidade de ser levado ao mundo reflexivo para a construção de significados visuais e sonoros. Acredita-se ter sido feito um diálogo saudável entre diferentes áreas: comunicação e educação em prol da interdisciplinaridade.

## REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Speech Genres and Other Late Essays*. Austin: University of Texas Press, 1986.
- BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. São Paulo: Saraiva, 1999.
- CÂMARA, Sergi. **O desenho animado**. Lisboa: Editorial Estampa, 2005.
- FARIAS, Iara Rosa. **A questão do sentido da leitura sob a luz da semiótica francesa**. 14º Congresso de leitura do Brasil: V Encontro sobre mídia, educação e leitura. 2003.
- FIORIN, José Luiz. **Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva**. Revista D.E.L.T.A., v. 15, n. 1, p.177-207, 1999.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação**. 8.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 18ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988.
- FRUTIGER, Adrian. **Desenhos e símbolos: desenho, projeto e significado**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- GOMES, Luiz Vidal Negreiros. **Desenhando: um panorama dos sistemas gráficos**. Santa Maria: Editora UFSM, 1998.
- JOLY, Martine. **Introdução a análise da imagem**. Lisboa: Editora 70, 1994.
- LIDWELL, William; HOLDEN, Kritina; BUTLER, Jill. *Universal principles of design*. Massachusetts: Rockport Publishers. 2003.
- MENDES, Corando Moreira. **Da linguística estrutural à semiótica discursiva: um percurso teórico-epistemológico**. Raído, Dourados, MS, v. 5, n. 9, p. 173-193, jan./jun. 2011.
- MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. São Paulo: EPU, 1986.
- MORAN, José Manuel. **A educação que Desejamos**. 2. ed. São Paulo: Papyrus, 2007.
- UNESCO. **Educação para um futuro sustentável: uma visão interdisciplinar para ações compartilhadas**. Brasília: Ed. IBAMA, 1999.
- VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Obras Escolhidas: problemas de psicologia geral**. Gráficas Rogar. Fuenlabrada. Madrid, 1982.